



A Santa Sé

VIAGEM APOSTÓLICA À COSTA RICA, NICARÁGUA, PANAMÁ,
EL SALVADOR, GUATEMALA, HONDURAS, BELIZE E HAITI
[2 - 10 DE MARÇO DE 1983]

**DISCURSO DO PAPA JOÃO PAULO II
AOS MEMBROS DO SECRETARIADO EPISCOPAL
DA AMÉRICA CENTRAL (SEDAC)**

*Seminário Central de São José da Costa Rica
Quarta-feira, 2 de Março de 1983*

Queridos Irmãos no Episcopado

1. "*Ubi charitas et amor Deus ibi est*": onde reina a caridade e o amor, Deus aí está. É o Senhor quem hoje, no início da minha visita apostólica à América Central, Beliza e Haiti, nos reúne no seu amor, conformando-nos, como na comunidade primitiva, "num só coração e numa só alma" (cf. *Act.* 1, 14).

Como sinal de particular benevolência e comunhão convosco, Pastores do rebanho de Cristo, quis que esta peregrinação de amor, de reconciliação, de paz, por mim empreendida movido pelo Espírito Santo e pela solicitude por todas as Igrejas (cf. *2 Cor.* 11, 28), se abrisse com este encontro. É o encontro fraterno do Sucessor de Pedro com os sucessores dos Apóstolos, e o de todos com o Pastor dos Pastores, Jesus Cristo.

Saúdo-vos, pois, com grande afecto, e em vós saúdo também com carinho todos e cada um dos membros das vossas respectivas dioceses e de todas as nações e povos da América Central, irmãos entre si por tantos títulos.

Durante estes dias quero, como São Paulo, anunciar Cristo crucificado, morto e ressuscitado (cf. *1Cor.* 1, 23; 15, 3 s.), em quem reside a nossa unidade, a nossa esperança e em quem temos a

vida em plenitude. É a Palavra viva do Evangelho que deve cair, uma vez mais, como semente fecunda sobre esta terra boa dos vossos povos.

Durante a minha visita aos diversos Países proponho-me desenvolver alguns temas que considero mais importantes no actual momento histórico das vossas amadas Igrejas particulares. Quero falar com coração de pai e afecto de irmão a todo o Povo de Deus. E como a visita quer ter o carácter unitário imposto pelas mesmas condições externas, o que em cada etapa ou lugar expresse a um sector eclesial, dirijo-o a esse mesmo sector de toda a América Central e, mais amplamente, da América Latina. Nesse ensinamento global encontrará também um novo motivo de profunda unidade em Cristo o amplo mosaico formado com cada uma das vossas Igrejas locais, espalhadas nas várias nações. E que no único Senhor estão vinculadas inseparavelmente à Igreja universal.

2. A existência daquele que acredita que Jesus é o Senhor (cf. *Fil. 2,11*) só pode desenvolver-se num diálogo de amor, no qual é Ele, Jesus Cristo, que toma a iniciativa. Este diálogo há-de ter a atitude de serviço para o qual Ele nos escolheu, (cf. *Jo. 15, 16*).

Com efeito, no centro da nossa eleição como Pastores da sua Igreja e do envio para anunciar o Evangelho, está a pergunta que o Senhor fez à Pedro: "Simão, filho de João, amas-Me?" (*Jo. 21, 15*). É a pergunta que Ele faz, de certa forma, a cada Bispo. Porque só no amor nos é possível entender a nossa vocação eclesial. E o nosso serviço aos irmãos tem o seu ponto de partida na nossa unidade com o Senhor, de quem somos sacramento (cf. *Lumen gentium*, 21), embaixadores (cf. *2 Cor. 5, 20*), não obstante levarmos o aroma de Cristo em vasos frágeis (cf. *2 Cor. 4, 7*).

O diálogo de amor no Senhor que nos permite dizer com plena sinceridade, apesar da nossa fraqueza: "Senhor, Tu sabes que Te amo" (*Jo. 20, 16*), tem a sua raiz na confiança com que Ele põe sob o nosso cuidado as comunidades eclesiais. É este um compromisso de fidelidade, fonte igualmente de fecundidade, de energia pastoral. Porque a nossa fortaleza não provém do peso das armas, mas do Evangelho. Por isso já no discurso inaugural da Conferência de Puebla vos fazia presente como não era a qualidade de técnicos ou de políticos o que, como Bispos, poderíeis dar de contributo, porque não é essa a vossa missão, mas a qualidade de Pastores. É o que agora vos repito: que vos esmereis em ser guias e modelos do rebanho (cf. *1 Ped. 5, 3*) e que, como Jesus, saibais ser os bons Pastores que vão sempre à frente dos seus fiéis, para lhes mostrar o caminho seguro, curar as feridas e misérias, as suas divisões e quedas, e reconciliá-los numa nova unidade no Senhor, que não cessa de chamar à unidade n'Ele.

3. O Senhor Ressuscitado reúne a Igreja. Ela é sacramento de comunhão (cf. *Gaudium et spes*, 42), "*koinonia*", comunhão em torno do Ressuscitado: "Que todos sejam um só, como Tu, ó Pai, estás em Mim e Eu em Ti" (*Jo. 17, 21*). Que admirável apelo à unidade, na vigília da sua paixão! Não se trata de uma unidade resultado de artifícios e composições, de cálculos, da soma de

transações indevidas. Não se alcança a unidade à custa de diluir a identidade. Não é tão-pouco a unidade a simples associação externa de mera convivência. A unidade na sua forma mais plena e perfeita é aquela que nos é proposta como exemplo: a do Filho com o Pai (cf. *Jo.* 10, 30). É unidade de amor, de comunhão, de entrega, unidade, numa palavra, afectiva e efectiva.

Vós sois na Igreja, recorda-o o último Concílio, "princípio de unidade" (cf. *Lumen gentium*, 23). O eixo e a fidelidade da missão de Pastores é ser instrumentos de unidade na comunidade.

A vossa realidade de Mestres está orientada para a unidade na fé. A Igreja é comunidade de crentes, isto é, daqueles "que participam: de uma mesma fé. E para tutelar e enriquecer a unidade da fé na comunidade, e, portanto, a identidade; eclesial, o Espírito de Cristo sustém a vida dinâmica do Magistério, serviço vital da Igreja.

Serviço à unidade é a Evangelização, pela qual nascem as Igrejas. A Exortação Apostólica *Evangelii nuntiandi* contribuiu, de maneira notável, como o comprovastes na Conferência de Puebla, para aprofundar em que consiste a missão essencial da Igreja. Daí a forte insistência na absoluta prioridade da evangelização.

Em estreita correlação está a necessidade da catequese sobre a qual se encontram pistas bem precisas na Exortação Apostólica *Catechesi tradendae*. Porque sem uma activa, e infatigável evangelização, sem uma lúcida e sistemática catequese, a fé se debilitaria. E correria sérios riscos: a unidade verdadeira. Prestareis um serviço insigne às vossas Igrejas se associardes cada vez mais o laicado a tão importantes tarefas.

4. Temos de estar sempre atentos para que nem se implante; nem se desarticule o nosso universo de fé. Poderia ocorrer quando critérios meramente humanos substituíssem os conteúdos da fé ou quando a coerência e intrínseca coesão do símbolo da fé fossem descuidadas. Para tal fim torna-se indispensável uma adequada elaboração no campo da Cristologia e da Eclesiologia: Princípios acertados quanto a isto foram assinalados no *Documento de Puebla*, que recolheu quanto manifestei no início da III Conferência Geral (*Puebla*, 28 de Janeiro de 1979).

Uma autêntica Cristologia não pode deixar de lado nem a integridade da revelação neotestamentária, aproveitando os sérios progressos reconhecidos na investigação, nem a indispensável referência ao Magistério. Não se pode fazer uma Cristologia que sirva de alimento às nossas comunidades, se o trabalho teológico não lança as suas raízes na fé da Igreja e numa fé pessoal que se torna oferenda da própria existência ao Senhor.

Como, por outra parte, elaborar a Eclesiologia sem viver em plenitude o "*sentire cum Ecclesia*"? Como sentir com a Igreja se não é amada com coração de filhos? Sobre a exigência de um fervoroso e profundo amor à Igreja como mãe, voltarei a falar na homilia de amanhã.

Bem sei, queridos Irmãos, que estais a levar a cabo um decidido esforço em cumprimento da vossa missão e que se observa em muitas partes um empenho renovador, à frente do qual vós estais. Porque quereis ser servidores da unidade em fidelidade à fé, em tudo o que constitui a vida sacramental, da Igreja. Esta, de facto, reúne-se pela Palavra e a Eucaristia, centro de toda a vida sacramental. Por isso, não seria completa nem compreensível uma evangelização que não culminasse na prática sacramental. E como a comunidade cristã vive da Eucaristia, nunca é mais profunda a sua unidade do que quando reparte concordemente o pão da Palavra e da Eucaristia.

São realidades que é preciso viver ao calor da Igreja, família de Deus. Não vos são desconhecidos, por outra parte, os perigos e não os ocultais nas vossas Cartas Pastorais, na linha de Puebla. A isso fiz referência com preocupação nas mensagens a algumas das vossas Conferências Episcopais.

5. A unidade interna da Igreja exige o acatamento pronto e sincero ao ensinamento dos Pastores. Isto conseguiu criar através dos séculos um rico património espiritual na América Latina, e na América Central foi possível pelo sentido de leal comunhão do povo fiel.

Há um sentido cristão do Povo de Deus, um *sensus fidelium*, que constitui uma garantia e como uma muralha invulnerável aos ataques e às insidias. Os vossos povos são fiéis e quando, se lhes dá o pão íntegro e puro do Evangelho aceitam-no imediatamente; e, ao contrário, sabem distinguir quando está adulterado. "Bendigo-Te, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste estas coisas aos sábios e as revelaste aos pequeninos"(Mt. 11, 25).

Do nosso coração de Pastores eleva-se esta mesma prece agradecida ao Pai das misericórdias pela fé na América Latina, que em muitos casos se torna, com todo o direito, exigente.

Procurai, por isso, com todo o empenho conservar e fortalecer antes de mais a vossa própria unidade. Dentro de cada Conferência Episcopal e também a nível mais amplo. Como lemos na Epístola aos Colossenses: "Mas, acima de tudo, revesti-vos da caridade que é o vínculo da perfeição. Resida nos vossos corações a paz de Cristo, para a qual fostes chamados, a fim de formar um só corpo"(Col. 3, 14-15).

Não vos faltará assim o respeito e a obediência do povo fiel que sabe que mediante o vosso ministério ele se aproxima do mesmo Cristo, a quem o Bispo representa, isto é, faz presente, e em cujo nome e pessoa actua.

Em torno dos Bispos conserve-se de igual modo viva a unidade dos sacerdotes, "próvidos colaboradores" do ministério episcopal; a dos religiosos, religiosas e leigos. A melhor garantia para uma pregação fecunda é o testemunho da unidade da Igreja. Antes como agora há-de ser real esta comprovação que dispõe a receber a Palavra de Deus: "Vede como se amam".

Nessa unidade na fé deve crescer o verdadeiro ecumenismo, que é desejo de fidelidade a Cristo na doutrina e nas atitudes. E que há-de traduzir-se na leal colaboração.

6. Tal unidade deve crescer em torno dos ensinamentos do último Concílio, fonte de permanente revitalização eclesial. Nele temos o critério mais certo de renovação no momento presente.

Os Sínodos dos Bispos são outro valioso instrumento de rejuvenescimento e unidade. E noutro nível, o Documento da III Conferência Geral do Episcopado Latino-americano deve também continuar a contribuir para a unidade, tanto na parte doutrinal, como na pastoral. Ali ratificastes, de facto, a vossa firme vontade de unidade. Essa unidade na Igreja de Cristo que se realiza, como bem o sabeis, ao redor de Pedro. Hoje, aqui reunidos, somos um testemunho de comunhão em Cristo que, sem dúvida alguma, dá muita alegria e confiança a todos os vossos fiéis.

Na Costa Rica tem também a sua sede o Secretariado Episcopal da América Central, o SEDAC, nascido precisamente da sentida necessidade de coordenar a acção pastoral na região. Com profunda estima saúdo todos os membros deste organismo episcopal, que mantém com o CELAM íntimos laços que o ajudam a um melhor serviço eclesial.

São diversas e importantes formas de comunhão pastoral para um trabalho mais fecundo nas Igrejas, que não podem estar isoladas, mas reciprocamente muito correlacionadas.

7.- A comunidade eclesial é e deve ser fermento no mundo. É germe muito firme de unidade e de paz. Há infelizmente, factores de divisão que se infiltram de maneira perigosa nos vossos países. Muitas são as tensões, (os embates que ameaçam com graves conflitos e abrem as portas para a torrente desoladora da violência em todas as suas formas. Quantas vidas ceifadas cruel e inutilmente! Povos que têm direito à paz e à justiça, vêem-se abalados por lutas desumanas, pelo ódio, pela vingança. Pessoas honestas e trabalhadoras perderam a tranquilidade e a segurança.

E no entanto, só pelos caminhos de uma paz digna e justa é possível alcançar o progresso ao qual os vossos povos têm perfeito direito e que por longo tempo lhes foi negado. Só com o respeito à eminente dignidade do homem, de todos os homens, se poderá alcançar um futuro melhor e em harmonia com as suas legítimas aspirações.

O Evangelho constitui-se em defesa do homem, sobretudo dos mais pobres e desvalidos, daqueles aos quais faltam bens desta terra e que são marginalizados ou não tidos em consideração.

O amor ao homem, imagem viva de Deus, há-de ser o melhor incentivo para respeitar e fazer respeitar os direitos fundamentais da pessoa humana. Por isso a Igreja se levanta como defensora do homem e, ao mesmo tempo, como estandarte de paz, de concórdia, de unidade. São estes também os objectivos que não esqueço nesta minha visita.

É de facto necessário e urgente nos vossos países que a Igreja, ao proclamar a Boa Nova do Evangelho a povos que sofrem intensamente e há muito tempo, continue a expor com coragem todas as implicações sociais que comporta a condição cristã.

Sem esquecer nunca que a sua primeira e indeclinável missão é a de proclamar a salvação em Cristo. Porém, sem ocultar ao mesmo tempo situações que são incompatíveis com uma sincera profissão de fé, e tratando de suscitar aquelas atitudes de conversão eficaz para as quais deve conduzir essa mesma fé.

Ao cumprir tal missão, todo o homem de Igreja deverá ter em conta que não pode recorrer a métodos de violência que repugnam à sua condição cristã, nem a ideologias que se inspiram em projectos redutivos do homem e do seu destino transcendente. Pelo contrário, a partir da clara identidade do Evangelho e de uma visão integral do ser humano, esforçar-se-á com todas as suas energias por eliminar a opressão, a injustiça nas suas diversas formas, tratando de ampliar os espaços de dignificação do homem.

Aqui há-de encontrar a sua fiel e improrrogável aplicação a doutrina social da Igreja, que rejeita como inadequados e nocivos tanto os planos materialistas do capitalismo puramente economista como os de um colectivismo igualmente materialista, opressores da dignidade do homem (cf. *Laborem exercens*, 13).

Admiro a vossa dedicação como Pastores em circunstâncias tão difíceis, para os vossos povos. O vosso exemplo de unidade como Bispos, e o das comunidades que apascentais, sejam garantia de concórdia também social, que a partir do coração da Igreja estende pontes dentro e fora de cada uma das vossas pátrias. Que ó Senhor conceda o dom da concórdia e a paz a nações irmãs com uma mesma história, uma mesma tradição e uma mesma vocação de liberdade.

8. Não são, nem podem ser as actuais situações de luta e de desconfiança, de desumanidade — que por desgraça prevalecem dolorosamente em mais de uma nação desta área geográfica —, algo que fatalmente deva prolongar-se. Para pôr fim a tão doloroso estado de coisas, contribuí com todas as vossas forças, Bispos da América Central, para criar um mundo mais digno do homem, mais justo, solidário e fraterno.

A fé diz-nos que podemos tornar de modo responsável os rumos da história para sermos artífices do nosso próprio destino. O Senhor da história faz o homem e os povos protagonistas, sujeitos do seu próprio futuro, respondendo ao chamamento de Deus. Colocou tudo à disposição do homem, rei da criação, para fazer das criaturas um hino de louvor a Deus; e a glória de Deus é o homem vivo, que tem a sua vida na visão de Deus (cf. Santo Ireneu, *Contra haereses*, IV, 20, 7: PG 7, 105). Durante estas jornadas de renovação voltarei com frequência ao tema da justiça e da paz. Não pouparei esforços para pedir a todos que mobilizem as energias existentes a fim de alcançar que uma e outra iluminem o vosso destino, tanto dentro de cada País como a nível internacional.

Sim, preservai a todo o custo a concórdia entre as vossas nações. Nada é tão lamentável e alarmante como a mera ameaça de uma guerra que arrasaria os países em contenda e os converteria em triste cenário de interesses estranhos.

Sede portadores, queridos Pastores, destes mesmos sentimentos a todos os países e a todas as comunidades que cheio de anseio e esperança visitarei. Unidos intimamente a Cristo traduzamos mais e mais, nas nossas atitudes e procedimento, na Igreja e na sociedade, a recomendação de São Paulo: "Rogo-vos, pois, irmãos, pelo nome de Nosso Senhor Jesus Cristo, que digais todos o mesmo, e que entre vós não haja divisões; sede perfeitos no mesmo espírito e no mesmo parecer"(1 Cor.1, 10).

Coloco estes objectivos e a minha peregrinação sob a protecção da Mãe de Deus e da Igreja. Ela, que acompanhava ternamente o colégio dos Apóstolos ao receber a força do Espírito, vos obtenha do seu Filho a graça, fortaleza, e perseverança de que necessitais no vosso abnegado serviço à Igreja. Assim seja.